

Helio Ferreira dos Santos “Helinho do Cavaquinho”

Artista caçapavense, grande nome da cultura popular do Vale do Paraíba e principalmente de Caçapava, também conhecido como “Helinho do Cavaquinho”, nasceu em 4 de Outubro de 1930, filho de Alfredo Ferreira dos Santos e Benedita Souza Alves, casado com Ivone Ferreira dos Santos tendo 9 filhos, netos e bisnetos.

Alfredo foi fundador do “Teatro do Alfredinho”, grupo de teatro amador que se apresentava na cidade de Caçapava, tocava banjo e outros instrumentos feitos apenas com cipó, fundado mais tarde a Banda do Cipó com mais de 20 instrumentos construídos com o material. A arte entrou em sua vida por influência de seu pai Alfredo, quando pequeno participava de peças de teatro e desenvolveu grande apreço por instrumentos musicais como violão, pandeiro e cavaquinho.

Hélio encantava com seu cavaquinho, percorrendo a cidade de Caçapava alegrando a todos(as) com seu chorinho – único e inesquecível, entre casas e avenidas tocando lindas serestas junto de seu pai Alfredo. Mais tarde consolidou sua carreira, passando temporadas em São Paulo nos bares e em rodas de samba, muito conhecido pela sua contribuição recebeu diversas homenagens inclusive do bloco Pé de Cana em Caçapava. Ao final de sua vida se dedicou ao grupo Fundo de Quintal, onde tocava com amigos e familiares.

Helinho tem um papel relevante na construção do samba da cidade de Caçapava, elevando a cultura regional e valorizando a história aqui escrita. Sua trajetória atravessou gerações, influenciando filhos(as) e neto(as) a continuarem seu legado do samba, da arte e especialmente da cultura.

Nossa imensa gratidão à figura de Hélio Ferreira dos Santos, como pessoa, artista, compositor e sambista! Viva a cultura de Caçapava! Viva Helinho do Cavaquinho!

Lourdes Mesquita Siqueira

Lourdes Mesquita Siqueira nasceu em Caçapava, em 8 de fevereiro de 1921. Filha de Raul Pinto Mesquita, um contador português da cidade do Porto, e de Georgina Moreira Mesquita, uma professora primária, filha do Coronel Manoel Inocêncio. Ainda criança, frequentou a escolinha da Dona Francisca Marocas. Mais tarde, ingressou no Grupo

Escolar Ruy Barbosa. Ao completar o Curso Primário, fez o preparatório com o Professor João Gonçalves Barbosa, ingressando, depois da aprovação no vestibular, no Colégio Estadual e Escola Normal de Taubaté.

Após a formatura com professora primária, trabalhou como professora substituta efetiva. Casou-se em 1936 e seguiu trabalhando, sendo nomeada bibliotecária do Colégio Estadual e Escola Normal Dr. José de Moura Resende, onde organizou e inaugurou a Biblioteca Prof. Luiz Guimarães de Almeida.

Paralelamente, colaborou com o Dr. Antonio Pereira Bueno e com o jornalista Francisco Pereira da Silva na fundação da Biblioteca Pública Edgard Portes, sendo sua presidente por dois anos.

Ministrou, durante nove anos, no período noturno, aulas de Geografia Humana do Brasil na Escola de Comércio de Caçapava. Nessa época, orientou seus alunos na elaboração de um livro sobre a fundação de Brasília, publicação que até hoje se encontra em uma das bibliotecas da Capital Federal.

Mesmo com os filhos ainda pequenos, prestou vestibular para a Faculdade de Biblioteconomia da USP – Universidade de São Paulo, sendo aprovada. Recebeu o diploma de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação Científica das mãos do poeta e acadêmico Paulo Bonfim.

Logo depois, foi convidada pelo Dr. Abner Lellis Corrêa Vicentine para integrar sua equipe de bibliotecários na Biblioteca Central do ITA. Ali, fez cursos de aperfeiçoamento e participou de vários outros de especialização com professores brasileiros e estrangeiros.

No ITA, em 1965, propôs a criação de um curso de Informação em Tecnologia e Estrutura do Trabalho Científico. O curso foi aprovado e, em 1967, foi incluído no currículo do Instituto como matéria obrigatória, sendo ministrado por ela no 2º semestre do 1º Ano Fundamental até 1991, ano de sua aposentadoria, tendo despertado o interesse de várias universidades brasileiras.

Sua carreira no ITA inclui também a atuação como professora de Português Técnico-Thu-12. Foi ainda membro de várias comissões e bancas de concurso. Foi coordenadora da

Comissão Brasileira de Bibliotecários em Documentação Aeroespacial, presidente da Comissão da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e vice-presidente do CRB-8 1982. Contribui com várias universidades brasileiras ministrando cursos e, ainda no ITA, assumiu a chefia da Biblioteca, onde deu os primeiros passos para a informatização do acervo utilizando o computador do Instituto de Atividades Espaciais.

Já com 70 anos e aposentada, seguiu atuante na vida cultural da cidade. Reorganizou a Biblioteca Pública Edgard Portes, presidiu a partir de 1991 o Centro de Convivência da Terceira Idade Viva Vida, reorganizou a sede do centro, onde foi instalada a Faculdade da Terceira Idade, sob a orientação pedagógica da UNIVAP. Ajudou a implantar o Conselho Municipal do Idoso, foi presidente do Rotary Club Caçapava Jequitibá em 2005, onde criou uma Biblioteca Infanto-Juvenil.

Já com 87 anos, colaborou com a Prefeitura de Caçapava, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, e com o apoio de intelectuais da cidade, para a implantação da Academia Caçapavense de Letras, fundada em 8 de outubro de 2007, da qual foi presidente.

Todas essas informações estão em seu livro autobiográfico “Envelhecer Vivendo – Trajetória da Minha Vida”, lançado em 2013.

Maria Geraldina de Oliveira

Maria Geraldina de Oliveira, mais conhecida como Gê, foi uma personalidade caçapavense voltada para os esportes; formada pela UNITAU em Educação Física em 1980, Gê fundou a Academia Vida Nova, foi Secretária de Esportes, Recreação e Lazer da Prefeitura de Caçapava e por muitos anos foi professora de diversas escolas da cidade, como por exemplo, Escola Malvina Leite e Silva, Eliel de Almeida Martins, Francisca Salles Damasco, Cecília Caçapava Conde, Colégio Comercial de Caçapava. Ela também tinha a vocação para ajudar ao próximo, atuou na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e foi uma das idealizadoras da Casa GE - Garra e Esperança.

Ruy do Pandeiro

Ruy do Pandeiro foi um artista caçapavense que estendeu sua autenticidade por muitos campos: músico, compositor, escritor, jornalista e um exímio contador de histórias e piadas.

Na sua juventude serviu ao exército no quartel de Caçapava, onde se candidatou por vontade própria e, em 1966, foi para uma Missão de Paz no Canal de Suez. Fundou e escreveu o Jornal Revisão, onde noticiou acontecimentos da cidade por muitos anos. Com as famosas e icônicas notas da sessão Cecy Gura, ele relatava eventos, nascimentos, falecimentos e tudo o que estivesse acontecendo de importante e relevante na cidade.

Publicou alguns livros com seus contos e histórias, como o Contos de Ruy do Pandeiro. Participou de 4 edições da competição de Contos e Poesias na Feira Literária de São Francisco Xavier, sendo vencedor de 3 edições e tendo seus contos publicados pela feira. Foi convidado a ser membro da Academia Caçapavense de Letras, ao lado de outras ilustres figuras da cidade, e se tornou um "imortal" (nome dado a quem é membro das academias).

Tocava pandeiro em grupos de pagode, samba e chorinho, animava os foliões nos carnavais. Aos finais de semana poderia ser facilmente encontrado fazendo o que gostava: reunido com amigos, cantando e tocando pandeiro. Aguardava sempre ansiosamente o carnaval para poder viver de forma intensa e entregue os momentos de folia. Por conta dessa sua grande paixão, fundou o bloco Não Empurra Que É Pior, onde se divertia e arrastava foliões para a brincadeira do carnaval.

Casou-se com a professora Sônia ainda na juventude, com quem teve 4 filhas e 6 netos. Uma família bem numerosa e que sempre o acompanhou em suas aventuras na música, no jornalismo e onde quer que fosse.

Homenageou diversas figuras femininas com o Dia Da Mulher Caçapavense, que ele idealizou e realizou por alguns anos. Além desse projeto, já foi cabeça de muitos outros.

Ora executava-os sozinho, ora idealizava e passava a ideia adiante para uma outra pessoa poder tirar do papel. Mas ele sempre participava dos bastidores, por gosto e por vocação, a criatividade e a ação o chamavam.

Falecido em 2017, Ruy do Pandeiro deixou um legado para Caçapava, com muita alegria e bom humor, é sempre lembrado pela sua grandiosa contribuição com a cultura e arte local.